

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



PARTISTE

Paulo Henrique Alcântara



Fundação Gregório de Mattos

Paulo Henrique Alcântara

PARTISTE

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Prefeito da Cidade do Salvador

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário de Cultura e Turismo

Érico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete

Sílvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe

Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

Lucimar Oliveira Silva

Gerente de Promoção Cultural

Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente de Sítios Históricos

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente Administrativo-Financeiro

Ivã de Araújo Oliveira

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Éric Castro

COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Coordenação

Lucimar Oliveira Silva

Plutarco Drummond Magalhães Neto

Claudius Portugal (consultor)

Produção

Lídia Santos Costa

Felisberto dos Santos Gomes

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

Aleilton Santana da Fonseca

Elísio Ferreira Lopes Júnior

Elidinei Maria Bonfim

Gerana Costa Damulakis

Iray Maria Galvão

Lídia Santos Costa

Lourdes de Fátima Santos Pinto

Luis Antônio Cajazeiras Ramos

Myriam de Castro Lima Fraga

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

A353 Alcântara, Paulo Henrique

Partiste / Paulo Henrique Alcântara Salvador: Fundação ADM, 2015.

80 p. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-12-7

1.Literatura brasileira - Dramaturgia I. Fundação Gregório de Mattos II. Título

CDU: 82-2

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



PARTISTE

Paulo Henrique Alcântara

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

APRESENTAÇÃO

Partiste mostra o cotidiano de cinco personagens de uma mesma família: a mãe, seus três filhos e uma velha tia, moradores de uma cidade do interior nordestino. Às voltas com o dia-a-dia, esperam as cartas de Jairo, o primogênito que foi embora para São Paulo. Mas é a notícia da morte do pai que abala o lar, precipitando mudanças e provocando outras partidas.

Partiste se passa no início dos anos 1970, na cidade de Livramento de Nossa Senhora, interior da Bahia, onde nasci. Na peça, o dia-a-dia é pontuado pelas telenovelas de Janete Clair, bem como pelos livros lidos pela personagem Cecília. Assim, o tempo vai traçando os rumos desta casa, na qual a personagem central da Mãe tece os acontecimentos com a mesma fibra e delicadeza com que manipula as agulhas dos seus bordados.

Ela unta a forma do bolo com suas dores e, entre um pranto e outro, passa um café. Na cristaleira, guarda sua louça mais fina. No coração, suas lembranças. Ainda tem a sabedoria de saber sorrir, conhece a medida certa da pimenta, do sal e não confunde dor com amargura.

A morte de meu pai me fez recorrer às minhas memórias e às de minha gente e, com mais um tanto de invenção, surgiu uma dramaturgia que costura as amorosas e risíveis ligações entre os componentes desta família. As cenas estão expostas como flashes de um cotidiano feito de pequenas alegrias, conflitos e tristezas na curva do caminho.

Partiste é um canto de saudade. Trata do afeto sincero que insiste em resistir à distância, minimizada pelas cartas tão ansiadas por quem partiu e por quem ficou. Estão no mesmo tacho recordações e ficção, ingredientes colocados com a intenção de resultar num doce bom, como aquele que só mãe sabe fazer!

Paulo Henrique Alcântara

À memória de meu pai

PARTISTE

Paulo Henrique Alcântara

Personagens

Mãe

Ceci (Cecília)

Dolores

Brás

Ruzinha

Época: *Entre os anos 1971 a 1973.*
A ação se passa na cidade de Livramento de
Nossa Senhora, na Bahia.

CENA 1

(O ano é 1971. A luz revela Ceci na sala lendo atentamente o romance *Mar Morto*, de Jorge Amado. A Mãe entra em passos lentos, vinda da rua.)

MÃE: *(Um tanto triste.)* Ainda lendo, filha? Cadê seu irmão?

CECI: *(Sem retirar os olhos do livro.)* Jogando sinuca.

MÃE: E tua irmã?

CECI: No cinema.

MÃE: Tua tia tá sossegada?

CECI: Nem piou.

MÃE: Tava na casa de minha cumade Quinha, acompanhando o final de *Irmãos Coragem*. Mataram Potira e Gerônimo, Ceci. Os dois morreram de mãos dadas! Me deu uma pena de Sinhana. João Coragem quebrou o diamante no meio da praça. Diamante maldito! Mas pelo menos ele ficou com Lara. Quinha chorava de dá gosto! *(Num suspiro.)* Vou sentir falta de *Irmãos Coragem*... Mas, pra semana, começa outra novela e assim a vida segue, não é Ceci? Eita que tá incutida com esse livro. Não cansa? Nem tchun pra mãe!

CECI: Desculpa, mãe, mas o livro tá muito bom.

MÃE: *(Vai até a cristaleira servir um doce.)* Eu sei, você nem comeu a janta. Fiz um arroz de forno com galinha desfiada bonzinho mesmo e você nem provou. Quer um docinho de leite?

CECI: *(Sempre absorta na leitura.)* Mais tarde.

MÃE: Teu pai é que gosta. Vou guardar pra ele, quando voltar da estrada com o caminhão, ele se delicia.

CECI: Já não era pra ele ter voltado?

MÃE: *(Pouco convincente.)* Carga extra. *(Vai sentar perto da filha enquanto come o doce.)* Ficou lindo o forro desse livro!

CECI: Mãe, já falei pra senhora não forrar meus livros. Eu gosto de ver a capa.

MÃE: Deixa, Ceci. Se a gente não embelezar a vida, que graça a vida tem?! Quem escreveu esse?

CECI: Jorge Amado. Dele, também, vou ler *Capitães da Areia*. Edilma ficou de me emprestar. A biblioteca do pai dela tá cada vez maior.

MÃE: Doutor Edilson Pontes é um homem muito culto. Também, pudera, médico. Mas você também é moça culta, Ceci. Também, pudera, professora. É de vera! Ainda ontem, você era uma menininha aqui na sala lendo *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e agora lê Jorge Amado.

CECI: *(Empolgada)* O pai ficou de passar na livraria Civilização Brasileira, em Salvador, e trazer outros livros pra mim.

MÃE: Coitado de teu pai. Mês passado, ele só ficou em casa dez dias. *(Pausa, a Mãe inquieta-se.)* Mas Dolores até uma hora dessas no cinema. Amanhã, ela tem aula no João Vilas-Boas. Estudar que é bom, nada. Ela tem que terminar o científico. É um tal de repetir de ano e Dolores não avança. Final de semana, ela vai ficar estudando. Nada de cinema na casa paroquial.

CECI: Tô pra ver Dolores ficar sem ir ao cinema.

MÃE: Quer saber? Eu vou dormir, que amanhã tenho uma encomenda de bordado pra terminar. E você não fica apurando muito as vistas com esse... como é mesmo o nome do livro?

CECI: *Mar Morto.*

MÃE: *Mar Morto? (Intrigada)* E mar morre?

CECI: É um jeito poético de dar um título, mãe.

MÃE: Ah, poesia! Mas não fica até tarde navegando nesse mar, filha. *(Outro tom.)* Ceci, já faz mais de ano da última carta que Jairo enviou de São Paulo e, até agora, nada de notícias de meu filho.

CECI: Daqui a pouco chega outra carta, mãe. Vá descansar.

MÃE: Boa noite, Ceci.

CECI: Boa noite. Bença, mãe.

MÃE: Deus te abençoe, filha. *(Saudosa)* Deus te abençoe, Jairo. Ceci, leia um trecho desse livro pra mim.

CECI: *(Lendo Mar Morto.)* “Lívia olha as águas. Tem os olhos secos de lágrimas. Chorou muito na primeira hora, logo que soube. Mas as suas lágrimas secaram, ela não pensa em nada, não vê nada, nada ouve. É como se estivessem falando muito longe dela, num assunto de muito pouco interesse. Olha a vela que passeia entre as ondas. Está como tonta, mal recorda o que aconteceu. Quer é ver Guma pela última vez, ver o seu corpo, olhar para os seus olhos, beijar os seus lábios...”

(Depois de breve momento de atenção, enquanto Ceci lê, a Mãe cochila. Mas não demora muito, ela desperta e se retira. Ceci segue lendo embevecida o seu livro.)

CENA 2

(Outro dia. Ceci ainda é vista na sala lendo. A Mãe entra, trazendo uma laranja. Latidos de um cão, vindos do quintal. Chega Brás.)

MÃE: Brás, trouxe esta laranja do quintal de Dona Lelé. *(Arremessa a laranja para o filho, que a pega no ar.)* Ela mesma colheu e me ofertou. Coisa mais bonita as rosas dela! Ela quis me dar umas, mas eu recusei. Rosa bonita é no pé. Ela se queixou que Dolores nunca mais passou pra tomar bença. Falta de consideração com a madrinha. Eu fiquei pra morrer! *(A Mãe retoma seus bordados. Brás tira um canivete do bolso e descasca a laranja.)* Brás, dia 19 de junho faz um ano e três meses da última carta que teu irmão enviou de São Paulo e, até agora, nada de notícias.

BRÁS: A senhora guardou a data?

MÃE: De tanto reler a carta. E a data não tem como esquecer: 19 de março, dia de São José.

BRÁS: Aniversário de vô Zeca.

MÃE: Justo.

BRÁS: Mãe, pedi ao pai que trouxesse de Salvador um tecido bem fino. Quero que a senhora escolha um modelo vistoso e ajeite um vestido pra mim dar pra Zorilda.

CECI: Pra eu dar.

BRÁS: Não, quem vai dar sou eu.

CECI: O português correto é: pra eu dar.

MÃE: Escuta tua irmã que ela é professora. (*Outro tom.*) É aniversário de Zorilda?

BRÁS: Aniversário de namoro.

MÃE: Eita que homem mais apaixonado. Vai dar casamento, Brás?

BRÁS: Lógico!

MÃE: Zorilda tem sorte. Você é homem de uma mulher só! (*Pausa*) Brás, tava aqui pensando...você bem que podia me ajudar.

BRÁS: Como?

MÃE: Você podia ir até São Paulo, fuçar tudo lá e encontrar Jairo.

BRÁS: Eu, metido em São Paulo? Que nada, meu pai disse que aquilo lá engole um. Jairo é esperto, mãe, vai ganhar dinheiro por lá, porque em São Paulo se ganha dinheiro e, daqui a pouco, ele volta.

MÃE: São Paulo é terra que filho chora e mãe não vê. E, se enganarem meu filho? Lá só tem gente desconhecida, não é como aqui, em Livramento, que todo mundo se conhece.

BRÁS: Mãe, escuta uma coisa: Jairo sempre foi bom de bola, sempre foi artilheiro,

vai saber também passar a perna nos adversários de lá. Eu não, eu sou perna de pau. Me deixa quieto no meu campo que em São Paulo eu não vou saber jogar. Sossega, mãe, Jairo volta logo. Prova a laranja.

MÃE: Tá doce?

BRÁS: Docinha.

MÃE: Hum! Tá mesmo, ducinha!

(O cachorro late no quintal.)

MÃE: Major, hoje, tá inquieto, não pára de latir.

BRÁS: Vou dar uma volta com ele na praça.

(Brás sai, a Mãe segue chupando laranja. Ceci inquieta-se à procura de algo entre os livros.)

CENA 3

CECI: (*Agitada*) Mãe, eu vou arrancar o couro de Dolores, aquela infeliz me roubou!

MÃE: Que roubou o quê, e eu lá criei filha ladra?

CECI: Mãe, eu tinha o dinheiro contadinho do livro que Edilma ficou de me trazer de Salvador e cadê? Eu mato Dolores! Mas destá, pra semana tem prova no João Vilas-Boas e ela tá arruinada no francês que eu sei e a bestona aqui não vai mais ensinar nada. *Rien du tout!*

MÃE: Que francês que nada, vocês duas tão boas é de voltar pra catequese.

CECI: Eu quero meu dinheiro de volta!

MÃE: Vai ver deve ter caído em algum canto. Procura lá na penteadeira do quarto de vocês, que aquilo vive que é uma bagunça só.

CECI: Ela deve tá lá na Associação com Nobral, aquele grosso.

MÃE: (*Severa*) Isso é jeito de falar do namorado de sua irmã, Cecília? Mas eu vou te dizer, nunca vi duas irmãs implicarem tanto uma com a outra.

CECI: Eu vou na Associação pegar meu dinheiro de volta. Eu é que não fico sem meu Drummond. (*Ceci sai.*)

MÃE: (*A Mãe vai até a porta da rua.*) Ceci, não vá brigar com sua irmã na frente dos outros, menina! (*Acenando para uma vizinha, constrangida.*) Oi, Dalva. E eu que achei que filha moça ia me dar menos trabalho, mulher.

(Ruzinha queixa-se. Ela permanece, todo o tempo, sentada, ocupando, de maneira discreta, um canto do cenário.)

MÃE: Tô indo, Ruzinha. Esqueci de você, não é, minha irmã? Tô levando sua sopinha. Ai que cansa! *(Na cozinha, pega a sopa.)* Esses bordados ainda acabam com meus dias de vida. *(A Mãe dá a sopa na boca da irmã.)* Daqui a pouco começa *Minha Doce Namorada*. A novela tá boa, Ruzinha. Quer assistir comigo? *(Ruzinha acena negativamente com a cabeça.)* Não? Eita que amou. Então toma tudo, pra depois dormir. Hoje, você passou o dia muito afregelada. *(Pausa)* Ai, Deus meu em quem confio!

CENA 4

(Horas depois, Brás entra arrastando Dolores e Ceci pelo braço. As irmãs estão brigando e Brás tenta apartar.)

MÃE: Mas que gritaria é essa, Maria Santíssima!? Depois da trabalhadeira que deu botar Ruzinha pra dormir.

BRÁS: Peguei as duas se atracando na frente da gruta da Igreja.

CECI: Eu só queria o meu dinheiro de volta.

DOLORES: Foi essa cachorra que partiu pra cima de mim, mãe.

(A Mãe, certa, estende a mão em direção à Dolores. Esta retira do sutiã o dinheiro que furtou de Ceci.)

BRÁS: Tavam as duas brigando perto da casa de Dona Lelé.

MÃE: Peraí que eu vou lascar as duas no cinto. Dá seu cinto, Brás.

DOLORES: Cinto não, mãe, cinto dói.

MÃE: Vocês não tinham outro lugar pra brigar? *(A Mãe corre atrás das filhas com o cinto de Brás.)* Tinha que ser justo na frente da gruta? Na frente de Nossa Senhora de Lourdes? O que a santa vai pensar de mim? O que Dona Lelé, sua madrinha, vai dizer de mim, Dolores?

DOLORES: Por mim, ela pode dizer o que quiser.

MÃE: Dolores, você quer dormir com a cara quente, quer?

DOLORES: Foi ela quem começou.

CECI: Foi você.

DOLORES e CECI: *(Ao mesmo tempo.)* Mentirosa!!

MÃE: Calem a boca, já, as duas. Deixem a pobre da Ruzinha dormir em paz. Se vocês não têm consideração uma pela outra, deixem ao menos eu cuidar da minha irmã direito. Pro quarto!

CECI: Inferno de vida!

DOLORES: *(Inconformada)* Mas mãe, Nobral tá me esperando no jardim, eu não acabei de namorar direito.

MÃE: Pra dentro! Agora!

DOLORES: Se essa cretina não amanhecer viva, a senhora já sabe.

MÃE: Arreda, arreda! Passa, já, as duas!

(Ceci e Dolores saem entre muxoxos e ofensas mútuas.)

CENA 5

(A Mãe e Brás permanecem em cena. Ela, ainda sobressaltada, volta para o bordado.)

MÃE: Brás de Deus, tuas irmãs tão pra acabar com meus dias de vida, misericórdia.

BRÁS: É numa hora dessas que eu sinto falta de Jairo. Eu não dou conta de cuidar de duas irmãs briguintas sozinho não senhora. *(Pausa. Vendo que a Mãe se entristeceu.)* Ô mãe, fica triste não, saiu sem querer.

MÃE: Ai! *(A Mãe fura o dedo com a agulha do bordado.)* Mais de um ano que seu irmão sumiu no mundo. Acha que um dia ele volta, Brás?

BRÁS: Volta sim, mãe, qualquer dia ele aparece aqui com a cara mais deslambida, morrendo de saudade da senhora, do seu arroz com pequi, de sua quenga.

MÃE: Ainda ontem, eu passei lá na venda de seu Lôxa e ele me falou que viu, de longe, um moço igualzinho a Jairo, lá em Guanambi. Disse que ainda chamou, mas ele não respondeu.

BRÁS: Mas era Jairo mesmo?

MÃE: Se era, seu Lôxa não tinha certeza, mas que parecia, parecia. Eu tenho pra mim que ele deve ter tomado uma pancada forte na cabeça e tá por aí vagando, sem juízo. Que é que tu acha, Brás?

BRÁS: Só Deus é quem sabe mãe, só Deus...

MÃE: *(Vai até o oratório, no qual tem uma imagem de Nossa Senhora do Livramento.)*
Ô minha Nossa Senhora do Livramento, rogo a vós, que tiveste um filho na cruz, traga o meu de volta.

BRÁS: Fica assim não, mãe.

MÃE: Sem meu filho, fica faltando alguma coisa. É como o pires sem a xícara, o bule sem a alça. A casa fica partida ao meio. É como um prato rachado. Assim fica meu coração, mas sem poder colar. *(Tempo)* Posso reler pra você a última carta de Jairo?

BRÁS: *(Compreensivo)* A senhora precisa disso, não é, mãe?

MÃE: Me conforta. *(A Mãe tira do bolso do vestido a carta e lê.)*

*“São Paulo, 19 de março de 1970. Mãe, com a graça de Deus, vou aprendendo a labutar com São Paulo. Cidade comprida, gente muita. Ninguém me olha e eu vejo uma multidão. O pessoal da pensão é educado, mas não me dá trela. Já assuntei que o que bem tem em São Paulo é um povo que não é de São Paulo. Só não me acostumo com o tempero da comida da pensão, muito diferente da sua. Não repare a mancha de manteiga no papel de carta. Escrevo pra senhora no balcão da padaria de um espanhol muito distinto, Seu Manolo. Ele me serve uma média com pão, todo dia. Agora deixa eu ir, mãe, que preciso correr atrás do meu. Preciso também de um sapato novo, um guarda-chuva e um emprego certo. Reza pra mim, mãe. Abrace todos e manda um beijo pra minha madinha Quinha. A bença, mãe. Jairo.” *(A Mãe enxuga uma lágrima.)**

BRÁS: Ô, mãe, fica assim não.

MÃE: *(Impaciente)* Já tá em tempo de eu parar de reler esta carta e chegar uma nova.

BRÁS: *(Tentando distrair a Mãe.)* E Ruzinha, tá como?

MÃE: Cada dia mais caduquinha, coitada. Agora deu pra me chamar qualquer hora do dia, da noite e pedir comida. É uma consumição! Mas é minha irmã, não é Brás? Que tuas irmãs não me ouçam, mas, quando a gente era moça, eu e Ruzinha vivia se pegando. *(Risos da Mãe e do filho.)* Agora vou rezar o rosário e dormir. Amanhã é sábado, dia de feira, dia de você lavar o filtro.

BRÁS: Ainda tem ambrosia?

MÃE: Tem sim, um pouquinho. Come logo antes que Ruzinha acorde e peça pra ela. *(Brás vai até a cozinha.)* Brás, eu ralei requeijão, põe na ambrosia que fica bonzinho mesmo.

RUZINHA: Minha irmã, minha irmã!!

MÃE: Não falei? É o que, Ruzinha?! Vai dormir, moça.

RUZINHA: Tô com fome.

MÃE: Brás, pega o arroz doce e deixa a ambrosia pra eu dar pra Ruzinha. Ela gosta tanto, tadinha. *(Brás deixa de lado a ambrosia e se serve de arroz doce.)*

RUZINHA: Minha irmã...

MÃE: Já vou Ruzinha. *(Vai até a irmã.)* Ô Ruzinha, desse jeito vai acabar tendo caga-neira. Não para essa boca quieta, parece que nunca viu comida, minha irmã, crendiospade. *(Voltando para Brás.)* Ih, se mijou toda.

CENA 6

(A peça avança no tempo. A ação, agora, transcorre um ano depois, em 1972. Dolores está na sala, pensativa.)

MÃE: *(A Mãe, em off, vinda da entrada da casa.)* Brás, Zorilda, juízo os dois. Abotoa a blusa, Zorilda. Eu tô de olho.

(A Mãe entra em casa agitada.)

MÃE: Dolores de Deus, peguei Brás com a mão nos peitos de Zorilda, pode?

DOLORES: *(Irônica)* Se ainda fosse só ele...

MÃE: É o quê?

DOLORES: *(Desconversando)* Nada, mãe.

MÃE: Dolores, assunta só, tava vendo *Selva de Pedra* na casa de Quinha. Fernanda prendeu Simone num lugar horrível, uma cabana. Fernanda não vale nada, aquela peste. *(Outro tom.)* O que foi, fia? Tá amuada?

DOLORES: Me deixa, mãe.

MÃE: Eita que enfezou. Teu pai já tá dormindo? *(Vai para a cozinha.)*

DOLORES: Jantou e foi deitar. Disse que tava morto.

MÃE: Ele comeu o doce de jaca que eu fiz pra ele?

DOLORES: Comeu com gosto.

(A Mãe reage com orgulho.)

DOLORES: Não sei como meu pai aguenta rodar sem parar por essas estradas. Eu tenho é pena. Vida desgraçada!

MÃE: *(Servindo um doce para a filha.)* Que é isso, Dolores? Não fala essa palavra aqui em casa. Tanta amargura assim por quê, menina? Tome esse doce de umbu que de amarga já basta a vida. *(Entrega o doce para a filha. A Mãe também se serve. As duas se deliciam enquanto conversam.)* O que aconteceu pra você ficar assim?

DOLORES: Hoje, quando fui comprar pão lá na padaria de Seu Régi, ouvi dizer que os padres da casa paroquial tão querendo fechar o cinema. O que vai ser de mim, mãe?

MÃE: E é verdade, isso?

DOLORES: O povo tá dizendo. Eu não posso ficar sem meus filmes.

MÃE: Eu acho bom mesmo que esse cinema feche. Se tem novela todo dia, pra que cinema? E novela é de graça. Essa história de, todo final de semana, você enfurnar em cinema, não tá lhe fazendo bem. Tá muito aluada, muito sonhadora.

DOLORES: Se os padres fecharem meu cinema, eu sumo daqui. Vou pra Salvador, porque lá tem muito mais cinema.

MÃE: *(Com firmeza dolorosa.)* Escuta uma coisa, Dolores, você acha pouco o que eu

tenho passado com o sumiço de Jairo? Já perdi um filho, solto nesse mundo, e você me diz que vai debandar atrás de cinema? Você não tem pena de mim?

DOLORES: Eu não quero que a senhora fique mais triste ainda, mas eu quero me fazer mais feliz, mãe. Tá errado isso, tá? Ver os filmes me faz um bem enorme. Quando eu saio do cinema, eu saio outra.

MÃE: Sai cheia de ideia, de sonho na cabeça.

DOLORES: Saio cheia de vontade de viver! Eu gosto daquelas histórias, daquele mundo de...

MÃE: ...Fantasia, de enganação. Se cinema não é de verdade, como é que você pode querer fazer parte daquilo?

DOLORES: Quando a senhora reza pra Nossa Senhora do Livramento, a santa não tá ali de verdade, é uma imagem, e a senhora reza com fé, não reza?

MÃE: Rezo.

DOLORES: Eu também! Sei que o cinema não é de verdade, mas eu assisto com fé e sonho de verdade.

MÃE: Onde já se viu comparar minha reza com cinema.

DOLORES: Cinema é minha oração, mãe.

MÃE: Ao invés de você ficar se iludindo com filme, você devia cuidar mais de Nobral, que é doido por você.

DOLORES: Mãe, eu não gosto de Nobral.

MÃE: Mas namora com ele.

DOLORES: Isso é outra história.

MÃE: Vocês vão acabar casando. Nobral é moço direito. Tá até estudando pro concurso do Banco do Brasil. Vão construir uma casa boa, ter filhos fortes, sadios.

DOLORES: Nesse filme aí eu não quero fazer parte. Minha história é outra. Nessa, que a senhora criou, eu não vou ter um final feliz.

RUZINHA: Minha irmã.

MÃE: *(Impaciente)* Já vou, Ruzinha. *(Outro tom.)* Sabe o que tá te estragando, Dolores? Muito filme, muito sonho. Venha, me ajuda aqui na cozinha que eu vou assar uma forma de bolo.

DOLORES: *(Malcriada)* Ah, eu tô cansada. Chama Ceci, que não desgruda da revista Manchete que o pai trouxe pra ela.

MÃE: Faz-se besta! Foi Ceci que ariou a louça da janta hoje.

DOLORES: Ô vida desgra...*(Corrigindo-se, após uma reprimenda da mãe.)* Vida madrasta!

MÃE: Dolores, me diz uma coisa, você namora Nobral só porque ele vai com você pro cinema todo final de semana, não é?

DOLORES: Vai, mas dorme durante o filme.

MÃE: *(Grave)* Você entendeu o que eu quis dizer, não entendeu? Você namora o moço só porque ele paga seu ingresso, não é?

(Dolores silencia, constrangida.)

MÃE: Você vai iludir Nobral em qual filme, amanhã?

DOLORES: *(Eufórica)* Nenhum. Amanhã eu vou ao circo! Tem circo novo na cidade!

CENA 7

(Outro dia. A Mãe e Dolores estão na cozinha. Ceci entra na sala a procura de um livro.)

CECI: Mãe, não estou encontrando *Senhora*.

MÃE: Quem é essa?

CECI: *Senhora*, de José de Alencar.

MÃE: Você deixa seus livros espelhados pela casa, é o que dá. A pobre da *Senhora* tá aí, largada num canto.

CECI: E pra dificultar, meus livros estão forrados. *(Encontra o livro.)* Achei!

MÃE: Ceci, faz uma caridade pra sua mãe. Eu quero ditar uma carta pra Jairo.

CECI: Mas mãe, meu livro tá tão bom!

MÃE: É coisa rápida.

(A Mãe abre uma gaveta, pega o papel de carta, uma caneta e um envelope. Entrega tudo para Ceci. Mãe e filha estão sentadas, cada uma em um lado da mesa.)

MÃE: *(Empenhadíssima)* Escreve aí. *(Ditando a carta.)* "Jairo, meu filho, já tem dois anos que você não manda notícias, menino. Quanta ingratidão! Ultimamente, não tenho andado muito bem do fígado."

CECI: Já tomou seu remédio?

MÃE: *(Impaciente)* Já. Continua, Ceci. *(Voltando a ditar.)* "Outro dia, ouvi no rádio que bom é evitar doce, mas quem disse que eu passo sem? Teu pai segue com o caminhão pelas estradas, Dolores segue namorando Nobral e agora incutiu com o circo."

CECI: Disse que vai assistir hoje de novo!

MÃE: E foi ontem!

DOLORES: *(Da cozinha.)* Fui mesmo.

MÃE: Continue, Ceci, ô meu Deus. *(Voltando a ditar a carta.)* "Brás segue namorando Zorilda e vai direitinho mesmo no serviço da prefeitura. Ceci segue namorando... bem...Ceci segue namorando...os livros." *(Dolores ri com sarcasmo. Ceci expressa sua irritação.)* Continue, Ceci, não ligue pra ela não. *(Voltando a ditar a carta.)* "Se agasalhe bem, aí em São Paulo. Seu pai falou que, por essas bandas, o frio é uma consumição, pior que Conquista. Olha você, hein, meu filho, juízo." *(Para Ceci.)* Coloque aí uma coisa importante. *(Voltando a ditar a carta.)* "Atravesse a rua com cuidado. Nossa Senhora do Livramento que te acompanhe. Um beijo da tua mãe saudosa."

(Tempo)

CECI: Pronto, tá aqui. *(Entrega a carta.)*

MÃE: Ai, Deus meu em quem confio! Obrigada, Ceci. Se pudesse eu escrevia todo dia uma carta pra Jairo, pra ele saber tudo que se passa aqui em casa.

(Ceci entrega o envelope que acabou de preencher. A expressão da Mãe, enquanto coloca a carta no envelope, denuncia que ela está tendo uma ideia.) Só se...Ceci, vai adiantando o almoço pra mim.

CECI: Ô mãe, meu livro...

MÃE: Deixei na pia uns maxixes que Dalva de Pedrão me deu. Eu vou botar a carta no correio e já volto. *(Antes de sair, constata como está o tempo lá fora.)* Ih, parece que vem chuva. Deixa eu correr. Se chover, fecha a janela do quarto de teus irmãos.

CENA 8

(A Mãe retorna eufórica para casa. Traz algo envolto em um vistoso papel de presente. Ceci está na cozinha.)

MÃE: Ceci, corre aqui!

CECI: *(Da cozinha.)* Tô cortando o maxixe, mãe. A senhora não pediu?

MÃE: Avia, moça. Deixa que eu termino esse de comer depois.

CECI: *(Aparecendo na sala.)* Que agonia é essa?

MÃE: Cadê Dolores?

CECI: Foi na venda de Seu Lôxa comprar sal.

MÃE: E Brás?

CECI: Tá chupando cana no quintal.

(A Mãe aponta o presente para Ceci.)

CECI: Presente pra mim, mãe?

MÃE: Não. Presente pra Jairo.

CECI: Que conversa é essa, mãe?

MÃE: Abra que você já vai entender.

(Ceci abre o presente e depara-se com um caderno.)

CECI: Um caderno? Pra Jairo? Não entendi.

MÃE: Um caderno pra você, Ceci.

CECI: A senhora tá caducando? Não disse que é pra Jairo?

MÃE: Faz-se besta! Que caducando que nada! O caderno é seu, pra você escrever e, quando Jairo chegar, ele ler.

CECI: Ler o quê?

MÃE: Ler a nossa vida. Ler sobre o que aconteceu com a gente esse tempo todo que ele teve fora.

CECI: A senhora quer que eu escreva um diário, é isso?

MÃE: Um diário sobre nossa vida aqui em casa. As alegrias, as tristezas, as histórias que seu pai conta das viagens com o caminhão, tudo, tudinho.

CECI: Tudo mesmo, mãe?

MÃE: Tudo. Que nem na novela. Não tem novela todo dia? Então, aqui em casa também tem vida acontecendo todo dia. Entendeu?

CECI: Entendi. A senhora quer que Jairo leia sobre o nosso passado sem ele. O nosso passado que, hoje, é presente escrito por mim. Mas, por que eu?

MÃE: Ué, porque você é a mais letrada daqui de casa. Já leu todos os livros de Jorge Amado. É professora e professora sabe tudo. Até francês você sabe.

CECI: *N'est-ce pas!*

MÃE: Só você vai saber encher esse caderno de acontecidos. E um dia, quando Jairo voltar, e ele há de voltar, ele vai perguntar por todos nós.

CECI: E esse caderno, escrito por mim, vai dizer como foi a nossa vida sem ele.

MÃE: Faz isso por seu irmão, Ceci.

CECI: Tá bom, mãe.

MÃE: Coloca no caderno nossas lágrimas e nossos contentamentos. A chegada de um, a partida de outro, o maxixe do almoço. A vida nossa de cada dia.

CECI: Mas a senhora precisa saber de uma coisa.

MÃE: O que?

CECI: O que vai estar escrito aqui, vai ser o meu jeito de ver as coisas.

MÃE: Não tem importância. Seu jeito de ver é o jeito mais bonito porque vai ser o mais bem escrito, caprichado no português, com uma letra redondinha que só professora tem. Gostou da capa?

CECI: Bonita.

MÃE: Comprei no Armarinho de Dona Néde. Careira! Vai assuntando tudo, Ceci, pra, um dia, Jairo ler e saber como a gente passou sem ele, enquanto esperava ele voltar. *(Pausa)* Hoje de noite, você toma conta de sua tia pra mim, que vou

rezar a novena na casa de Quinha. E hoje, em *Selva de Pedra*, é o julgamento de Cristiano. Janete Clair tinha que fazer o julgamento de Cristiano justo no dia da minha novena? Santa da Pensão leu na revista que Simone vai aparecer de cadeira de rodas.

CECI: *(Subitamente)* Mãe de Deus! Deixei o feijão no fogo!

MÃE: Corre lá, diacho. *(As duas saem correndo, rindo.)* Coloca aí no caderno de Jairo que você deixou o feijão queimar.

CECI: *(Bem humorada.)* E a culpa foi da senhora.

CENA 9

(Tempo. Ceci está só em cena. Ela inaugura a escrita do diário.)

CECI: “Jairo, espero que, não tarde muito, você esteja lendo estas páginas. Minha mãe arruma sempre o seu quarto. Toda semana, põe um cobre cama novo. Ela também sempre faz bolo de pão de ló, o seu preferido, pois pensa que, a qualquer momento, você pode chegar. Estamos todos bem, mas Dolores me preocupa. Ela está namorando Nobral e também está se envolvendo, às escondidas, com um tal de Juanito, atirador de facas do circo. Quando o circo chegou, Dolores ficou numa euforia que só vendo, parecia o circo chegando a Macondo. Ela confidenciou que vai fugir com esse Juanito. Você acredita que ela pediu ao pai para trazer uma bota igual a que as chacretes usam no Programa do Chacrinha? Nossa irmã não tem juízo nenhum. Agora vou voltar pro meu livro. Para sua informação, Macondo é a cidade onde se passa *Cem Anos de Solidão*, que não consigo largar.”

CENA 10

(Alguns dias depois, logo cedo. Brás entra em cena arrastando Dolores. Ele também carrega a mala da irmã. Ceci está no quarto.)

BRÁS: Cecília!

(Ceci atende ao chamado do irmão e vem para sala.)

BRÁS: Tá aqui a gata do mato!

DOLORES: *(Para Ceci, furiosa.)* Sua falsa, invejosa! Eu pedi pra você não dizer.

BRÁS: Ela fez o certo. *(Para Ceci.)* Cadê a mãe?

CECI: Tava muito agoniada e foi pra igreja.

BRÁS: Tá vendo o que você fez? Minha mãe ficou aflita que só vendo.

DOLORES: Você tinha me prometido não contar, Cecília.

CECI: Desculpa, Dolores. Você me confiou um segredo de irmã, mas o sentimento de filha falou mais alto.

RUZINHA: Minha irmã!

BRÁS: Tirei ela da mão do bonitão do circo e trouxe à força. Veio me xingando de Brumado até aqui.

DOLORES: Juanito tá indo pra Conquista sem mim.

BRÁS: Minha sorte é que ele tava sem as facas, senão, já viu.

DOLORES: Juanito é um artista, não é um bandido. *(Para Ceci.)* Você tem inveja de mim, tem despeito porque Artur não te quis e preferiu Lédima.

CECI: Deixa de bobagem.

RUZINHA: Minha irmã!

BRÁS: Com que cara eu ia falar pra meu pai da sua fuga? Toda vez, antes de partir com o caminhão, ele pede pra...*(Olhando para Ceci, tentando se lembrar da maneira correta de usar o pronome.)* pra... EU tomar conta de vocês.

RUZINHA: Minha irmã, minha irmã!!

DOLORES: Cala a boca, Ruzinha.

BRÁS: Mais respeito com nossa tia, sua desnaturada.

DOLORES: Eu queria me ver livre dessa velha caduca, dessa cidade atrasada.

RUZINHA: Minha irmã!

(Dolores se impacienta com os gemidos de Ruzinha. Vai até a tia.)

DOLORES: *(Irada)* Cala a boca, sua velha caduca, velha fedida.

BRÁS: Dolores!

DOLORES: Você só sabe dar trabalho, velha infeliz!

CECI: Dolores!

DOLORES: *(Para Ceci, com raiva.)* Me deixa. *(Voltando-se para Ruzinha.)* Sua velha feia, velha nojenta. *(Ruzinha chora.)* Cala a boca, morre logo de uma vez e me dá sossego. Eu não aguento mais te ouvir gemendo.

RUZINHA: *(Chorando)* Minha irmã!

(A Mãe entra, sobressaltada.)

MÃE: Já vou, minha irmã. *(Grave, enigmática.)* Brás, Ceci, saiam.

(Brás e Ceci se retiram. Ruzinha chora.)

CENA 11

MÃE: Sabe por que minha irmã está me chamando, Dolores?

DOLORES: *(Envergonhada)* Porque já passou da hora da senhora dar o banho nela.

MÃE: E por que mais?

DOLORES: Porque ela já tá muito velha e não pode mais tomar banho sozinha.

(A Mãe, altiva, faz um gesto, ordenando que Dolores sente-se junto a ela. A Mãe demonstra toda sua contrariedade.)

MÃE: Não! Porque ela tá caduca! Não é assim que você disse? Ela tá caduca! Mas não é só por isso que minha irmã me chamou, Dolores. Ela me chamou porque sabe que eu dou o banho com zelo, pra ela não se machucar no banheiro. Porque eu morno a água, deixo bem quentinha como ela gosta, lavo os cabelos, deixo bem cheirosos. Depois, enxugo ela com cuidado e com bastante pudor. Não pense você que eu não noto os olhos de Ruzinha envergonhados quando passo a toalha pelo corpo dela. Em seguida, Dolores, coloco o talquinho que ela gosta, visto uma roupa limpinha e penteio os cabelos com carinho. Aí, então, ela está pronta pra comer o mingau que eu fiz com todo amor. AMOR, Dolores, esta palavra sem poeira, sentimento que o tempo não deixou acabar por minha irmã. Meus pais morreram e eu amava muito eles. E é por eles também que eu cuido bem de Ruzinha. E sei que ela faria o mesmo por mim. Eu fui rezar e pedir a Nossa Senhora do Livramento que trouxesse você de volta. Não porque eu não queira que você, um dia, parta daqui, mas porque

o meu coração de mãe me diz que não chegou a hora ainda. *(Dura)* Mas se, ainda assim, você quiser partir, a escolha é sua. A porta da rua é serventia da casa. Eu só acho que uma mãe e um pai - que se privaram da metade do prato pra te alimentar - têm o direito de se despedir de uma filha. *(Pausa)* Eu poderia continuar lhe dando sermão, Dolores, e falar sobre consideração, respeito, família, mas eu vou parar porque eu não sou padre. *(Com firmeza.)* Agora, você vai até a cozinha, ajeite o mingau de sua tia, morne a água, ela gosta bem quentinha, e dê um banho nela caprichado. Ah! Não esqueça de passar o talquinho que ela gosta.

RUZINHA: Minha irmã!

MÃE: *(Carinhosa)* Já vai, Ruzinha. *(Para Dolores, ríspida.)* Vá! Ela tá esperando.

RUZINHA: Minha irmã!

DOLORES: Já vai, tia. *(Dolores levanta e vai até Ruzinha.)*

CENA 12

(Ainda estamos em 1972. Dias depois, Ceci entra na sala, vinda da cozinha. Traz na mão um prato de comida coberto por um pano de prato. Encontra Brás, consertando um velho caminhãozinho de madeira.)

CECI: *(Apressada)* Brás, o almoço já tá pronto. Quando quiser, é só comer: andu, couve com ovo e arroz soltinho.

BRÁS: Tava sentindo o cheiro bom daqui. *(Irônico)* Milagre, você que fez?

CECI: Fiz e trate de achar bom. *(Nota Brás com o caminhãozinho.)* Voltou a ser menino, Brás? Vai guiar caminhão de madeira?

BRÁS: Achei largado no porão. Ele tá meio empenado, mas com um trato vai ficar bom. Uma mão de tinta e ele fica novinho.

CECI: Você não tinha outra vida quando era menino. Pra cima e pra baixo com esse caminhão.

BRÁS: Meu pai que me deu. Ele trouxe lá de Paramirim. Tinha dia que eu guiava até a cachoeira.

CECI: Se duvidasse ia até Rio de Contas.

BRÁS: Eu fui. Eu, Mário, Cido, Hélio. Só Ricardo não quis ir. Voltamos os quatro na garupa do carro de boi.

CECI: Deixa eu ir que minha mãe deve tá com fome. Tá lá plantada na rodoviária, coitada.

BRÁS: Fazendo?

CECI: Esperando Jairo. Disse que sonhou a noite toda com Jairo chegando hoje de viagem.

BRÁS: Besteira, minha mãe tá doida? Eu vou lá buscar ela.

CECI: Não adianta, já insisti pra ela voltar, mas disse que vai esperar Jairo chegar. Encasquetou que ele chega porque chega hoje.

BRÁS: Jairo sumiu no mundo Ceci, não volta mais não. Ele deve tá morto há tempos.

CECI: Pelo amor de Deus, não fala isso. Minha mãe acha que ele ainda tá em São Paulo. Será?

BRÁS: Ele morreu, Ceci. Esse tempo todo sem dar notícia.

CECI: Vou correr antes que a comida de minha mãe esfrie. Coitada, desde cedo sentada naquele banco duro da rodoviária.

BRÁS: Botou a rapadurinha que ela gosta?

CECI: Botei

(Ceci sai. Brás circula com o caminhãozinho de madeira pelo palco.)

BRÁS: *(Radiante como uma criança que acaba de ganhar um brinquedo novo.)*
Lá vai o caminhão de Brás. Sai de Livramento, passa em Dom Basílio, Brumado, Anajé, carona só pra moça bonita! Conquista, Poções. Abastece em Jequié e pisa no acelerador. Milagres, Feira de Santana, Salvador. *(Na sua manobra, Brás deixa o caminhãozinho virar. Ruzinha geme. Dolores entra muito aflita, aos prantos.)*

DOLORES: Nosso pai, Brás, nosso pai!

CENA 13

(Tempo. A Mãe entra em cena, em passos lentos, e senta-se encolhida. Os filhos chegam e aninham-se em torno dela. Estão todos de luto.)

BRÁS: Mãe, o moço da funerária me entregou a aliança do pai.

(A Mãe, consternada, recebe do filho a aliança. Ela a beija e põe no mesmo dedo em que está a sua.)

CECI: *(Afasta-se da Mãe, dos irmãos e escreve no diário.)* “Jairo, nosso pai se foi nas curvas de uma estrada. Na madrugada que se seguiu ao enterro, choveu muito em Livramento, a chuva parecia que ia derrubar as telhas. Major não latiu, parecendo sentir a partida do pai. Nossos vizinhos nos aqueceram com carinho, sopa, arroz doce e muito café. Nossa mãe contou que nosso pai...”
(Ceci segue escrevendo.)

MÃE: ...Depois de terminado o carreto, ia pra São Paulo. Se Jairo não escrevia mais, ele resolveu ir atrás. Foi bater na pensão, mas Jairo não estava mais lá. O pai de vocês, então, de tanto eu reler aquela última carta, atinou num detalhe: Jairo sempre tomava café no bar de seu Manolo, em frente à pensão. Seu Manolo não sabia do paradeiro de Jairo, mas disse ao pai de vocês sobre um emprego que Jairo tinha arrumado perto da Praça da Sé. Ele sempre ia a Praça da Sé esperar Jairo passar, mas Jairo nunca passou.

CECI: *(Escrevendo no diário.)* “Mas você nunca passou.”

BRÁS: Por que a senhora não contou pra nós?

DOLORES: Dizia que ele se demorava na estrada por causa de carga extra.

MÃE: Porque ele me pediu. Não queria que vocês pensassem que ele, indo pra São Paulo atrás de Jairo, estava privando os filhos da presença dele aqui em casa. Ele nunca fez diferença entre filho nenhum.

CECI: *(Voltando a escrever no diário, indaga com perplexidade.)* “Por que você nunca mais escreveu dando o endereço novo, Jairo? Por quê? Por que você nunca passou pela Praça da Sé, enquanto o pai esteve por lá? E, se passou, por que ele não te viu? Por que a vida é assim, Jairo? Por quê?”

(Os filhos saem de cena. Tempo. Uma vez sozinha, a Mãe vai até Ruzinha e põe na irmã um xale preto. A Mãe vai se afastando, chorosa, mas Ruzinha a puxa pelo braço e a traz para perto de si, consolando-a. As duas se abraçam.)

CENA 14

(Brás entra e encontra a Mãe sozinha, na cozinha.)

BRÁS: Ô mãe, sai dessa cozinha. Tá enfurnada aí o dia inteiro.

MÃE: Ficar aqui, me distrai, filho. Daqui a pouco, te chamo pra tomar café com uma canjiquinha que acabei de fazer. Deixa só esfriar mais um pouco. *(Ela vem para sala e senta-se à mesa para catar feijão.)*

BRÁS: A senhora já fez coisas demais: bolo de tapioca, de milho, mingau...

MÃE: Entretida aqui a cabeça não pensa, o coração não pena.

BRÁS: *(Cúmplice)* Tá difícil, não é mãe?

MÃE: Ô Brás, eu não passo um minuto sem pensar em teu pai.

BRÁS: Comigo acontece a mesma coisa. Ele tá aqui dentro de um jeito tão forte. Como se ele tivesse vivo em mim.

MÃE: Eu sei, Brás, eu bem sei.

BRÁS: Eu chego a sentir a presença dele do tanto que ele não sai do meu pensamento. Eu agora não sou só eu. Sou eu mais ele, eu carregando ele dentro de mim, a senhora entende? É como se eu tivesse me transformado em pai de meu pai, pois agora sou eu que levo ele aqui dentro, nas minhas lembranças. Isso me entristece e me fortalece. Eu fecho os olhos e vejo ele direitinho, chego a ouvir

ele me chamando. Enquanto eu não esquecer ele, meu pai vive, mãe. (*Batendo na mesa.*) A MORTE NÃO EXISTE!

(*Silêncio*)

MÃE: (*Constrangida*) Brás, eu sei que você trouxe umas lenhas pra armar uma fogueira aí na frente de casa. Seu pai é que gostava, ele apreciava uma fogueira no São João, fazia cada uma grande mesmo! Mas sem ele, este ano, não tem graça, filho.

BRÁS: Se a senhora não quer, deixa pra lá.

CENA 15

(Um ano depois. É 1973. A trilha sonora e a luz devem ajudar a sublinhar a passagem do tempo. A Mãe está, mais uma vez, catando feijão. Dolores entra.)

DOLORES: Pronto, mãe. Já troquei a roupa de Ruzinha e ela pegou no sono.

MÃE: *(Preocupada)* Nessa época de São João ela fica muito aflegelada com os fogos. Já, já chamo vocês. Deixa só esfriar uma canjiquinha que fiz pra nós.

DOLORES: Mãe, esta noite sonhei com o pai.

MÃE: Eu sonho direto com ele.

DOLORES: Sonhei que era noite de São João, o pai chegava de viagem e encontrava a rua deserta. Um silêncio, aquele frio de junho. Ele viu que tinha uma fogueira em frente daqui de casa, em frente de todas as casas, mas nenhuma delas estava acesa. Então, ele acendeu a nossa, os vizinhos foram saindo e cada um acendeu a sua. Por último, todos nós aparecemos e a fogueira mais bonita da rua, a de fogo mais alto, era a nossa. O pai, então...

MÃE: Entrou de volta no caminhão e partiu.

DOLORES: Como a senhora sabe?

MÃE: Porque isso não é sonho, é realidade.

DOLORES: Mas, antes de partir, ele viu que, aqui em casa, a gente já conseguia sorrir, menos tristes.

MÃE: Menos tristes, mas a saudade não passa nunca. Já fez um ano, mas como dói. Sabe, Dô, a saudade é como subir uma ladeira, uma ladeira bem íngreme, debaixo do sol quente. À medida que a gente sobe, a ladeira vai ficando menos íngreme, o sol menos quente, mas o topo da ladeira não chega nunca. Assim é a saudade, uma ladeira que não se para nunca de subir.

(Pausa)

DOLORES: Brás tá todo sem graça, porque queria acender a fogueira este ano e a senhora não quis.

MÃE: *(Após um tempo pensativa.)* Chama teus irmãos pra gente tomar café.

DOLORES: Brás, Ceci, tá na mesa.

CENA 16

(Ceci entra com um livro na mão, seguida de Brás. A Mãe, ajudada por Dolores, pega a canjica, o café, pratos, xícaras e começa a servir os filhos.)

CECI: Tô quase terminando *Memórias de um Sargento de Milícias*, não consigo largar.

BRÁS: Hum! Cheirinho bom de café!

MÃE: Caprichei na canjica.

BRÁS: *(Sem jeito.)* Mãe...

CECI: *(Incentivando o irmão.)* Fala, Brás.

BRÁS: Tava vendo o pessoal aí na rua armando as fogueiras, este ano bem que a gente podia acender a nossa.

CECI: Verdade, o pai gostava de uma fogueira. De onde estiver, ia gostar de ver a nossa acesa novamente. *(Pausa. Todos olham para a cadeira vazia do pai, na cabeceira da mesa. Uma luz incide sobre ela.)*

DOLORES: O pai ia ficar contente.

MÃE: *(Resolvida)* Então, vamos acender a fogueira este ano!

(Risos, palmas, vibração dos filhos. Até Ruzinha dá uma gargalhada e todos acham graça.)

BRÁS: A fogueira do São João novamente, parece um sonho!

(Dolores e a Mãe se olham, com sorrisos cúmplices.)

DOLORES: Mas é realidade.

(Dolores chama Ceci, as duas vão para um canto da sala e comentam em surdina.)

DOLORES: *(Exultante)* Eu decorei direitinho o texto do sonho que você escreveu.

CECI: E deu certo.

DOLORES: Até eu acreditei que tinha sonhado de verdade.

MÃE: Deixem de fuxico as duas e venham comer! *(As irmãs retornam. O clima é de alvoroço.)*

BRÁS: Esta canjica tá boa demais!

CECI: Vou repetir.

MÃE: Mais tarde vou levar um pedaço pra minha cumade Quinha.

BRÁS: Se sobrar.

(Todos seguem comendo, conversando. Entra uma música junina radiante.)

CENA 17

(A Mãe está batendo um bolo. Brás entra.)

BRÁS: Ô mãe, que mala é aquela no meu quarto?

MÃE: Coloquei nela tudo que você vai precisar.

BRÁS: E eu vou viajar pra onde que eu não sei?

MÃE: São Paulo.

BRÁS: São Paulo?

MÃE: A camisa daquele time que você torce tá no varal secando, mais tarde eu pego.

BRÁS: Mas eu não quero ir pra São Paulo.

MÃE: Amanhã cedinho, antes de você ir pra rodoviária, eu passo em Do Carmo e pego um pacote de avoador pra você comer na estrada.

BRÁS: Mãe, eu não vou pra São Paulo.

MÃE: Botei na mala também uma camisa de manga comprida que eu fiz, você tava precisando.

BRÁS: Mãe, me escuta. Que história é essa de São Paulo? O que eu perdi em São Paulo que eu não sei?

MÃE: Você e eu perdemos Jairo e agora você vai no encalço do seu irmão.

BRÁS: A senhora só pode tá de brincadeira. Eu nunca tomei um ônibus pra sair de Livramento e não é agora que eu vou arredar o pé daqui.

MÃE: Brás, você é a esperança que eu tenho de encontrar seu irmão. Você agora é o homem da casa, precisa fazer isso por nós. *(Subitamente)* Valha-me, Deus! Você não tem agasalho. Deixa eu pegar um que eu fiz pra seu pai. Em São Paulo faz muito frio. *(A Mãe sai em direção ao quarto.)*

BRÁS: Mãe, daqui eu não saio, não me peça pra pegar o rumo pra longe de casa que eu não vou.

MÃE: *(Fora de cena.)* Mas você vai conhecer São Paulo, ver gente diferente, coisas novas, outro mundo.

BRÁS: O meu mundo é esse aqui de Livramento e ele já me basta.

MÃE: Mas esse mundo daqui é muito pequeno, o mundo é muito maior, meu filho.

BRÁS: Esse mundo daqui cabe direitinho em mim. Ele eu conheço, nele eu não me perco, como Jairo se perdeu em São Paulo.

MÃE: *(De volta, com o agasalho do marido.)* Brás, não me contraria, sua mala tá pronta e a passagem comprada.

BRÁS: Eu não vou!

MÃE: Vai sim!

BRÁS: Se São Paulo engoliu Jairo, devorou meu irmão e sumiu com ele, pode acontecer a mesma coisa comigo.

MÃE: Larga mão de ser besta que eu não criei filho homem pra ser covarde.

BRÁS: Então a senhora me desculpe, mas me criou errado. Essa história de *Irmãos Coragem* é muito bonita na novela que a senhora não perdia por nada, mas a vida real é diferente.

MÃE: Brás, se você não for, vou eu. Ou eu descubro o paradeiro de Jairo ou não sou filha de Toninha de Zeca.

BRÁS: Endoidou?

MÃE: Olha o respeito, moleque!

BRÁS: Eu lá vou deixar minha mãe pegar o rumo da estrada nada. Daqui a senhora não sai!

MÃE: Ou vai você, que ainda é moço, é forte, é homem, ou vou eu. Você decide, José Basílio!

BRÁS: Ih, danou-se, quando a senhora me chama de José Basílio é que a coisa ficou feia.

MÃE: Diabo de menino besta! Larga mão de ser medroso!

BRÁS: (*Ofendido*) Posso ser medroso, mas tenho juízo. Posso também não ser o

filho ideal, mas uma coisa eu não sou: um filho desnaturado. Nem adianta a senhora dizer que vai fazer e acontecer que de Livramento a senhora não sai. Se for preciso, eu lhe amarro.

MÃE: Faz-se besta! Você não me conhece.

BRÁS: Sua teimosia eu conheço sim senhora. Mãe teimosa.

MÃE: Mãe Coragem também. Que nem Sinhana da novela.

(Pausa)

BRÁS: A senhora não disse que São Paulo é terra que filho chora e mãe não vê? *(Ternamente)* Então, mãe, a senhora já chora por um filho que não vê há tanto tempo, vai querer agora chorar por outro também?

MÃE: *(Levanta, inquieta-se e, após um tempo pensativa, decide.)* Desfaça a mala e esquece o que eu te pedi, filho.

BRÁS: Eita que aquela mala ficou pesada.

MÃE: E meu coração mais leve. Eu ia morrer de saudade de você longe de mim. Tá com fome?

BRÁS: Arrebentando!

MÃE: Vou passar um café fresquinho e preparar uns beijus pra nós. Tô com uma tapioca aí boazinha mesmo que minha cumade Quinha me deu.

BRÁS: Vizinha boa essa Quinha, não é, mãe?

MÃE: Minha cumade Quinha é pessoa maravilhosa, dessas vizinhas que pedindo um dente de alho pagam logo com uma réstia de cebola. Depois você leva uns beijus pra ela.

BRÁS: Eu faço tudo que a senhora pedir. *(Suspende a Mãe e gira com ela.)* Só não me peça pra ficar longe da senhora, longe de Livramento.

MÃE: Longe de Zorildinha, seu bustica.

CENA 18

(Brás sai e a Mãe permanece em cena. Ceci entra agitada. Traz uma carta.)

CECI: Mãe, mãe!!

MÃE: O que foi, Ceci?

CECI: Carta de Jairo.

MÃE: Carta de Jairo?! Chama Brás!

CECI: Brás, Brás!!

BRÁS: *(Entrando)* Que foi?

CECI: Carta de Jairo. Chama Dolores!

BRÁS: Dolores, Dolores!!

DOLORES: *(Entrando)* Que foi?

BRÁS, CECI, MÃE: *(Os três em uníssono.)* Carta de Jairo!

CECI: Leia, Mãe!

MÃE: *(Pega o envelope.)* Não consigo, tô aflita! Leia, Ceci!

CECI: *(Pega o envelope.)* Não consigo, tô nervosa! Leia, Brás!

BRÁS: (Pega o envelope.) Não consigo, tô agoniado! Leia, Dolores!

DOLORES: Não consigo, tô...

BRÁS, CECI, MÃE: *(Imperativos)* Leia, Dolores!

(Dolores inicia a leitura da carta.)

DOLORES: *"São Paulo, 31 de maio de 1973. Mãe, fiquei de escrever, mas fui adiando e, quando dei por mim,..."*

(A Mãe, por fim, toma a carta de Dolores e lê.)

MÃE: *"... O tempo voou. Tenho sentido muita falta da senhora, do pai. (Pausa) Diz a ele que eu mando um abraço bem apertado. Mãe, não se preocupa, estou num emprego bom, não tenho passado apertado. A vida em São Paulo é só trabalho, mas vou vivendo como Deus quer. Lembranças a todos aí em Livramento, saudações a minha madrinha Quinha. Sua bença. Do filho que nunca esquece a senhora, Jairo."*

CECI: Mãe...

MÃE: Me deixa sozinha, filha.

BRÁS: Mãe...

CECI: Deixa ela quieta, Brás. Venha.

(Ceci e Brás saem.)

BRÁS: *(Vendo que Dolores não sai de perto da Mãe.)* Venha, Dô.

(Mas Dolores insiste.)

BRÁS: Venha, Dô.

(Antes de sair, Dolores pousa o envelope da carta aos pés da Mãe, que fica só. Em seguida, a Mãe coloca a carta de Jairo no oratório, junto a Nossa Senhora do Livramento, e sai de cena.)

CENA 19

(Dolores entra aturdida em casa. Brás, muito nervoso, vem logo em seguida.)

BRÁS: Vira a cara, Dolores.

DOLORES: Me deixa, Brás.

BRÁS: Vira a cara que eu tô mandando. *(Brás, à força, vira o rosto de Dolores para si e depara-se com a irmã machucada.)* Foi Nobral, não foi?

DOLORES: *(Mentindo)* Eu escorreguei na frente da igreja. Choveu, tava molhado e eu caí.

BRÁS: Zorilda me falou que viu Nobral te descendo a mão atrás da biblioteca.

DOLORES: Zorilda fala demais.

BRÁS: Zorilda é minha namorada e ela não ia mentir pra mim.

DOLORES: Vai pensando...

BRÁS: O que você disse?

DOLORES: Nada.

BRÁS: Conta a verdade, Dolores. Só quero a sua confirmação pra eu...

DOLORES: Fazer o quê?

BRÁS: Safado nenhum bate em irmã minha, não.

DOLORES: Brás, pelo amor de Deus, deixa isso pra lá, não foi nada, nem tá doendo.

BRÁS: Mas tá errado isso, Dô. Onde já se viu homem bater em mulher, ainda mais teu namorado.

DOLORES: Esquece Brás, ninguém sabe disso, só nós dois e Zorilda. Amanhã ele vem aqui e me pede desculpa. Mas, pelo amor de Deus, não faz nada com Nobral.

BRÁS: Por que esse medo todo? Se ele te bateu agora vai te bater de novo.

DOLORES: Mas é meu noivo.

BRÁS: Mas te bateu.

DOLORES: Vai ver eu mereci.

BRÁS: Ninguém merece apanhar. Vou dar um susto nele. *(Avança em direção à rua.)*

DOLORES: *(Desesperada, detém o irmão.)* Você não vai fazer nada. EU TENHO QUE CASAR COM NOBRAL!

(Pausa)

BRÁS: Embuchou! Merda! Puta que pariu! *(Parte pra cima de Dolores. Ergue a mão para ela.)* Descarada, sem vergonha.

DOLORES: Vai bater em mim também, Brás?

BRÁS: *(Recuando, deixa a mão parada no ar. Ruzinha geme, num lamento.)* Infeliz. Grávida?

DOLORES: *(Apavorada)* Fala baixo. Quer que a mãe escute?

BRÁS: A mãe tá na Igreja.

DOLORES: E Ceci?

BRÁS: Tá na casa de Lurdinha.

DOLORES: Mas Ruzinha tá aí.

BRÁS: Ruzinha tá surda. E você, cega. Não vê que esse Nobral é um sujeito bruto?!

(Dolores vai ficar perto da tia para se proteger. Brás a segue. Ruzinha, como quem parece apelar para o fim da discórdia, apoia-se nos sobrinhos. Resmunga algo.)

DOLORES: Brás, Nobral passou no concurso do Banco do Brasil, ele vai ajeitar minha vida e eu a nossa aqui em casa. Se você faz alguma coisa, ele acaba tudo comigo. E eu, como é que fico?

(Afastam-se de Ruzinha.)

BRÁS: *(Tempo. Brás aproxima-se da irmã e faz um carinho nela.)* Por que ele te bateu? Eu nunca seria capaz de triscar um dedo em minha Zorildinha.

DOLORES: Eu disse a coisa errada na hora errada. Não sei o que me deu, ele me agarrou de um jeito, me tascou um beijo tão bom e eu...

BRÁS: E você o que, sua tonta?

DOLORES: Eu, sem querer, chamei ele de Juanito.

BRÁS: Você ainda não esqueceu o atirador de facas? Faz tanto tempo que o circo passou por aqui.

DOLORES: Mas a saudade do atirador de facas continua me ferindo. O tempo passa, mas a saudade não. Cada dia eu lembro de Juanito e as facas dele parecem cravar meu coração. Nobral me ajuda a fingir pra mim mesma que eu esqueci Juanito. Droga de vida! Por que você tinha que ter ido atrás de mim naquele dia?

BRÁS: Eu não fiz isso por você, eu fiz pela mãe e pelo pai.

DOLORES: A escolha foi minha.

BRÁS: Você só tinha dezessete anos.

DOLORES: Mas era doida pelo atirador de facas.

BRÁS: Quem tem dezessete anos não tem juízo.

DOLORES: Vá dizer isso pro meu coração, Brás.

BRÁS: Vá dormir, Dô. Vou no bar de Tonhe esfriar a cabeça.

(Brás sai, Dolores fica sozinha. Tira do bolso um monóculo com o retrato de Juanito e o contempla saudosa. Tempo. Sai.)

CENA 20

(Ceci entra em cena, senta-se e começa a “redigir” o diário. A partir deste momento, sua escrita para Jairo não tem mais a necessidade do caderno.)

CECI: “Jairo, tem novidade aqui em casa! Dolores vai ser mãe. Ela tá esquisita, a mãe nervosa, Brás revoltado e eu preocupada. Ainda ontem, fui ao Armarinho Riclan com ela comprar umas coisinhas para o enxoval do bebê. Logo, logo a mãe começa a bordar. Dolores vai ter criança, mas ainda é uma menina. *(Vai até a porta olhar a rua.)* Em Livramento, o céu tá limpo, ruas vazias, mas sempre com alguém sentado na porta. *(Acenando para a amiga.)* Oi Lurdinha! *(Voltando para o relato.)* Os carros passam de hora em hora. Tirei umas fotografias e revelei na Foto Guido. Vou deixar elas aqui no caderno pra você ver. Dá só uma olhada nas casinhas com cara de aconchego, parece que elas abraçam a gente, nos prendem como num colo de mãe. Um dia vou correr o mundo, eu sei, mas vou sentir saudade da nossa casa, do lombo assado de nossa mãe. Ai que me deu uma fome! *(Vai até a cozinha e corta uma fatia de bolo.)* E você, Jairo, sente saudade de quê?”

CENA 21

(A Mãe entra de bobs na cabeça. É o dia do casamento de Dolores. Encontra Ceci na sala, lendo.)

MÃE: *(Tira o livro das mãos de Ceci.)* Ceci, larga este livro menina. Já, já é hora da gente ir pra Igreja.

CECI: Calma mãe, a senhora tá mais nervosa que a noiva.

MÃE: Tô mesmo, não é todo dia que se casa uma filha. Que livro é esse que você não para de ler por nada neste mundo?

CECI: *O Amante de Lady Chaterlay.*

MÃE: Pelo título, não deve ser boa coisa. Até forrar você forrou pra eu não fuçar. Ceci, me faz um favor, depois que eu tomar meu banho passa uma pinturinha em mim. Você é mais jeitosa que eu.

CECI: Se a senhora quiser, eu dou o banho em Ruzinha.

MÃE: Ai, filha, faz isso mesmo, que hoje eu não amanheci boa. Acordei assuzerada, sonhei a noite intirizinha com seu pai. Amanheci com uma dor aqui na ponta do fígado. *(Aproxima-se da filha, curiosa, tentando ler o livro.)* Até já coloquei em cima da barriga um retrato de Santa Terezinha.

CENA 22

(Dolores entra em cena nervosa.)

DOLORES: Mãe, Brás tá até agora no bar de Tonhe. Já passei lá e disse pra ele parar de beber. Não quero ser levada ao altar por um irmão bêbado.

CECI: A senhora abre o olho! Brás tá bebendo demais.

DOLORES: Segunda passada, ele amanheceu ruim, nem aguentou ir pra prefeitura.

MÃE: Brás agora deu pra isso.

CECI: Depois que o pai morreu a coisa piorou.

DOLORES: Ele que trate de chegar aqui bom, senão eu entro na igreja com meu sogro. Muito mais fino entrar na igreja de braço dado com o delegado.

MÃE: Mas Brás é seu irmão.

DOLORES: Mas tá enchendo a cara. Ai, que nivrosial! Eu capo Brás.

MÃE: Olha como fala, Dolores. Daqui a pouco, você é uma mulher casada.

DOLORES: Vou atravessar a igreja e o povo todo vai sentir aquele bafo de cachaça. E é pinga, viu, mãe. Brás tá tomando é pinga que eu vi.

MÃE: Eu vou buscar ele agora e é debaixo de taca se for preciso. Faz-se besta.
(A Mãe sai reclamando. Ceci deixa O Amante de Lady Chaterlay num canto e se dirige para o interior da casa. Mas Dolores a chama.)

DOLORES: Ceci, eu tô com medo.

CECI: Medo de quê, Dô?

DOLORES: Medo da vida, medo do que virá. Nem parece que eu tô casando, parece que eu tô morrendo.

CECI: Que bobagem é essa?

DOLORES: Diabo que fui besta de engravidar. Não tinha precisão de casar agora. Quando vi Brás lá no bar de Tonhe bebendo, me deu uma angústia, uma saudade danada de tanta gente junta. Saudade de meu pai, de Jairo, até saudade dos móveis daqui de casa. Saudade da cristaleira, da minha cama, do limoeiro do quintal. Por que eu não fui como você? Não gostei de estudar? Não li esses livros todos que você leu? Eu só li *Iracema* e olhe lá, não entendia quase nada do que aquele José de Alencar escrevia.

CECI: Olha como fala do meu José de Alencar. Eu sou louca por ele.

DOLORES: Você já tirou o magistério. Eu não, vou virar dona de casa e morar em outra cidade. Até francês você sabe falar e eu mal falo português.

CECI: Eu não sou mais feliz porque sei falar francês, eu só sei um pouco mais. E ainda tá em tempo de você estudar.

DOLORES: Que nada, eu tenho a cabeça ruim pra aprender.

CECI: Agora, deixa de besteira e vai se arrumar. *(Ceci vai saindo, mas recua.) N'aie pas peur.*

DOLORES: Traduzindo?

CECI: Não tenha medo. *(Retorna até a irmã.)* A gente vai ser feliz, cada uma a seu modo.

CENA 23

(Ceci “escreve” o diário, enquanto Dolores se afasta até sair, definitivamente, de cena. Este relato de Ceci revela os mais recentes acontecimentos, indicando uma passagem de tempo. Há uma fusão de cenas e elas se sobrepõem.)

CECI: “Jairo, Dolores não mora mais aqui. Casou-se com Nobral e partiu de Livramento. Ele foi transferido para a agência de uma cidadezinha bem longe. A mãe, chorando, só conseguiu acompanhar ela até a rua. *(A Mãe surge. Ela e Dolores se despedem. Dolores vai embora. A Mãe permanece em cena.)* Zorilda terminou o namoro com Brás. Ele ficou desconsolado e, depois, revoltado, quando Zorilda confessou o que Dolores já sabia e a cidade comentava: Zorilda tinha outro romance com um comerciante que sempre passava por Livramento e se hospedava na pensão de Santa.”

(Ceci sai. A Mãe permanece em cena.)

CENA 24

MÃE: *(Curiosa, pega O Amante de Lady Chaterlay e abre o livro.) O Amante de Lady Chaterlay. (Ela pronuncia a seu modo. Em seguida, folheia o livro e se depara com uma carta inacabada. Lê, intrigada, as primeiras linhas e, furiosa, chama os filhos.)* Brás! Cecília!

(Os irmãos aparecem.)

MÃE: *(Irônica)* Cecília, diz pra teu irmão que novidade é essa que Jairo tem pra me contar.

BRÁS: Jairo?

CECI: Que novidade, mãe? Eu não sei...

MÃE: *(Ríspida)* Sabe sim, você sabe muito bem do que eu estou falando. Eu agora fiquei curiosa. *(Relendo a carta.)* “Mãe, como a senhora tem passado? Tenho uma novidade, acho que a senhora vai gostar.”

CECI: Mãe... *(Ceci e Brás se olham apreensivos.)*

MÃE: Vamos, Cecília, eu tô esperando. Continua a carta: “Tenho uma novidade, acho que a senhora vai gostar...” *(A Mãe pega uma caneta e senta-se à mesa. Ceci também senta e, hesitante, tenta continuar a carta.)*

CECI: “Acho que a senhora vai gostar de saber que...que...”

BRÁS: *(Num rompante.)* EU TÔ VIVO! Ele tá escrevendo porque TÁ VIVO! Mesmo que isso não seja verdade!

CECI: *(Em tom de repreensão.)* Brás.

BRÁS: Mesmo que isso não seja verdade, como a carta mais recente que chegou não era de verdade. Porque é disso que a senhora tem medo, não é mãe? Que Jairo não esteja mais vivo. A carta falsa era pra dar um alento pra senhora e dizer que Jairo tá bem e tá VIVO! Fui eu que tive a ideia daquela carta e pedi pra Cecília escrever. *(Num lamento.)* Não era pra senhora saber, não era. Mas agora vai ficar como antes, a senhora vai continuar esperando as cartas de Jairo, as cartas de verdade, não as de mentira como esta. *(Pega a carta inacabada, amassa e joga no chão.)*

CECI: Desculpa, mãe. Continua tendo esperança, eu agora sei que a esperança é melhor que a mentira.

(Pausa. Os irmãos vão saindo, mas a Mãe os chama.)

MÃE: Brás, Ceci, acabei de fazer um cuscoz de coco, deixa esfriar e eu chamo vocês. *(Pausa)* Eu bem que desconfiei que aquela carta não era de Jairo.

CECI: Por quê?

MÃE: Uma mãe conhece seu filho.

CECI: Eu sei porque a senhora desconfiou. Por causa da linguagem. Foi a linguagem que me traiu. Relendo a carta eu vi que era Cecília escrevendo por Jairo.

MÃE: Foi por isso também, Ceci. Jairo nunca ia escrever “SAUDAÇÕES pra minha MADRINHA Quinha”. É o povo de teus romances que fala bonito assim, menina. Mas tem outra razão. *(Pega um de seus bordados e mostra para os filhos.)* A qualidade de um bordado bem feito se conhece pelo avesso. Assim também é com os filhos: uma mãe conhece pelo avesso. *(Ceci vai para o quarto. Brás vai saindo em direção à porta da rua.)*

MÃE: *(Desconfiada)* Vai sair, Brás?

BRÁS: Vou no bar de Tonhe, demora pouca.

(Brás sai. A Mãe se mostra preocupada.)

CENA 25

(A Mãe permanece em cena. Vai até a cozinha, pega uma garrafa de cachaça e dois copos. Coloca-os sobre a mesa. Tempo. Horas depois, Brás entra em cena, um tanto cambaleante. Esperando por ele, a Mãe está na mesa da sala cortando chuchu.)

MÃE: Brás, você tá vendo esta faca? Ela corta tua laranja e o meu chuchu, mas ela também serve pra ferir um.

BRÁS: Do que a senhora tá falando?

MÃE: Você já vai entender. Senta aqui.

(Brás senta.)

MÃE: Se serve.

(Brás hesita.)

MÃE: Vá, bebe mais.

(Brás enche o copo. Antes, derrama no chão um pouco “para o santo”.)

MÃE: Agora me serve.

BRÁS: A senhora tá endoidando?

MÃE: Faz-se besta, olha o respeito moleque!

(Brás serve a Mãe.)

MÃE: Eu quero provar que gosto tem este remédio que você tanto toma pra curar tua dor.

(A Mãe vai beber e Brás a detém.)

BRÁS: É amargo, mãe.

MÃE: *(Bebe e faz cara feia.)* Crendiospade! Bebe, Brás. Mas bebe aqui em tua casa. Melhor do que beber no bar de Tonhe e voltar pra casa caindo pela calçada. Não quero que o povo de Livramento comente, rindo: “Lá vai Brás, bêbado!” Eu sempre cuidei de meus meninos, eduquei no capricho e não vou deixar esta aguardente, alvinha, sujar tua vida. Quer beber Brás, beba, mas beba de alegria, não beba de tristeza! Esta pinga é que nem esta faca, serve pro bem e serve pro mal. Serve pra te alegrar, pra brindar a vida, vá lá, mas serve também pra te deixar mais triste ainda. Cuida da tua vida, meu filho.

(Tempo. Brás levanta.)

BRÁS: Eu vou sair, mas não vou pro bar. *(Pausa)* Vou na rodoviária comprar uma passagem.

MÃE: *(Aflita)* Você não tá com cabeça boa pra tomar nenhuma decisão agora.

BRÁS: *(Angustiado)* Eu preciso sair daqui, mãe. Ver Zorilda sem mim, pela cidade, me consome. Vou mudar de vida, procurar outro rumo.

(A Mãe abraça Brás. Ele tenta sair, mas a Mãe não consegue desgrudar dele. Ela segura o filho até que, finalmente, este sai. Na porta, ela o observa partir.)

CENA 26

(Ceci entra em cena e “escreve” para Jairo. As partidas de Brás e Ceci se interligam.)

CECI: “Jairo, lá se foi Brás pra longe de Livramento. Foi o jeito que ele encontrou de desviar da dor. A mãe, chorando, só conseguiu acompanhar ele até a porta. *(Pausa. A Mãe volta para a sala.)* E a saudade vai se transformando, vira uma lágrima, um suspiro, um sorriso bom e até um texto, como este que termino de escrever pra você.”

(Ceci entrega para a Mãe o diário, que está aberto na última página, na qual ela escreveu o trecho abaixo. Ela, prestes a partir, se dirige em direção à porta da rua, mas se detém quando a Mãe começa a ler.)

MÃE: *(Lendo em voz alta.)* “Jairo, chegou minha vez de partir. O mundo veio a mim por tantos livros, por tantos autores, mas, agora, é o meu momento de ver o mundo de perto...”

MÃE e CECI: *(Ao mesmo tempo.)* “...E começar a escrever um novo capítulo da minha própria história.”

(Ceci vai saindo, mas recua ao chamado da Mãe.)

MÃE: Ceci, assunta bem o mundo e escreve uma carta me contando como ele é.

(Ceci parte. A Mãe fecha o caderno e retoma seus bordados. Tempo. A luz opera uma transição. A vida, os dias seguem. Ainda sentada, bordando, a Mãe ouve Ruzinha chamando.)

CENA 27

RUZINHA: Minha irmã.

MÃE: Já vou, Ruzinha. *(A Mãe vai até a cozinha e prepara uma xícara de chá para a irmã.)* Daqui a pouco, te trago pra assistir *Carinhoso*. A novela tá boa, Ruzinha. Nesta novela Simone tá namorando outro moço. Ceci me corrigiu, disse que o nome dela é Regina Duarte, mas pra mim ela é Simone, de *Selva de Pedra*. Simone de Cristiano. *(Aproxima-se de Ruzinha trazendo a xícara de chá e constata a morte da irmã.)* Minha irmã!

CENA 28

(Com Ruzinha já fora de cena, a Mãe está sentada na cadeira que, antes, era ocupada pela irmã. Ela usa o xale de Ruzinha. Abre um envelope e lê uma sequência de cartas dos filhos. Estes reaparecem em cena, “dizendo” as cartas.)

DOLORES: Mãe, eu fiquei muito sentida com a morte de Ruzinha, mas não deu pra ir ao enterro. Vou pra Salvador. Meu casamento acabou. Nobral fez de novo comigo o que ele não tinha o direito de fazer. Brás ainda me alertou, mas eu não ouvi. Agora sim, vou poder ver muitos filmes em Salvador. No natal, vou aí ver a senhora. Quando tiver um portador manda umas mangas. Não tem mangas melhores que as de Livramento. Depois escrevo dando meu endereço. Sua bença, Dolores.

BRÁS: Mãe, eu fiquei muito triste com a morte de Ruzinha, mas, infelizmente, não deu pra ir a Livramento. Tenho trabalhado muito. Outro dia, sonhei com o pai, ele dirigindo o caminhão, mas o engraçado é que eu me vi menino no banco do carona, olhando admirado o pai dirigir aquele caminhãozão, “o carrão”, como eu costumava dizer (*Pausa*), até que o caminhão fez uma curva e o sonho acabou. Acordei com o olho cheio d’água. No natal, apareço por aí. Quando tiver um portador, manda uma ambrosia pra mim. Sua bença, Brás.

CECI: Mãe, eu lamento a morte de Ruzinha, mas, infelizmente, não deu pra comparecer. Soube que *Senhora*, de José de Alencar, vai virar novela. Deixei o livro aí. Manda pelo correio pra mim. Vou reler e te contar tudo. Mãe, uma vez a senhora disse a Brás que o mundo é muito maior que Livramento e é

mesmo, mas não tem lugar melhor, no mundo, do que esse aí, ao seu lado. Quando tiver um portador, manda um avoador pra mim. Arma o presépio bem bonito que no natal apareço. Sua bença, Ceci.

(Os filhos já não são mais vistos. A Mãe guarda as cartas. Sobre ela, resta apenas um foco de luz, que vai se apagando até o Black final.)

FIM

Projeto Gráfico
Fundação ADM

Capa e Ilustração
Augusto Mattos

Produção e Impressão Gráfica
Fundação ADM

CTP e Impressão Gráfica
Grasb

Formato 20 x 21

Tipologia das famílias Open Sans, A Massa Falida 1
Cartão Supremo 300g/m² capa - Alto alvura 90g/m² miolo - 80p.

Tiragem: 2000 exemplares

Ano: 2015